



MENSAGEM DO EDITOR

From the editor

Walter Ferreira de Oliveira¹

HORIZONTES NEBULOSOS

As eleições municipais de 2024 deveriam servir como alerta para o futuro das políticas de saúde no país. O crescimento das organizações políticas de extrema direita é visível e não dá sinais de arrefecimento mesmo frente às contínuas exposições de suas mazelas. Estas organizações demonstram uma enorme competência na comunicação com um público cada vez maior e na manipulação de informações de forma a convencer grande parte do eleitorado a votar em candidatos que nada parecem oferecer em termos de benefícios reais e duradouros para a população como um todo ou melhoria dos bens públicos. Além disso, conseguem magnetizar enormes contingentes com suas ofertas de espetáculos de baixaria, agressividade e mentiras.

Enquanto o fascismo vai, aos poucos, se infiltrando em todos os níveis da sociedade, as forças progressistas não conseguem se articular de forma a exercer um combate eficaz. Pior, o setor político tenta “tapar o sol com a peneira”, ora negando a vitória acachapante das forças extremistas, ora tentando atribuir a derrota a fatores que não resistem a uma análise minimamente coerente como, por exemplo, o orçamento secreto, que não explica de forma alguma a vitória da direita em grandes capitais.

Como pano de fundo temos um sistema judiciário eleitoral inoperante, paralisado, sem vontade de exercer seu dever de coibir os crimes eleitorais. O fenômeno Pablo Marçal, por exemplo, não poderia prosperar sem a conivência deste sistema.

No campo da saúde, as consequências da ascensão da extrema direita já vêm se fazendo sentir desde pelo menos 2016, quando pela primeira vez desde a Redemocratização foi nomeado um ministro da saúde que não tinha

¹ Editor Geral.

como lastro uma participação ativa no campo da Saúde Coletiva. De lá para cá o SUS só tem sofrido derrotas, sendo hoje um sistema sobrevivente, em meio aos constantes ataques e sabotagens.

Na Saúde Mental, o quadro não é menos preocupante. Desde 2011 o sistema sofre retrocessos, sem um grande sinal de recuperação. Os manicômios recuperaram terreno, grande parte do orçamento destinado à saúde mental vai para as comunidades terapêuticas administradas por organizações religiosas, os serviços inovadores, como CAPS e outros, vêm sendo totalmente desfigurados e terceirizados. Os coordenadores de saúde mental, por um bom tempo, passaram a ser ligados diretamente ao movimento de contra-reforma e, embora haja no momento uma coordenação identificada como progressista, o campo jamais conseguiu se reestruturar. Não há comunicação clara e direta entre a coordenação de saúde mental e os diversos órgãos e movimentos da sociedade ligados à saúde mental e não há sinais de que esta comunicação esteja em pauta, exceto entre os grupos privilegiados tradicionalmente próximos a esta coordenação, seja por ligações pessoais ou organizacionais. Há pouca abertura para um diálogo amplo com o campo e um distanciamento entre o órgão central e “a ponta”, contrariando os princípios e diretrizes que norteiam as formas preferenciais de gestão do SUS.

O maior problema no horizonte é o que poderá acontecer daqui até 2026. A continuar a negação sobre o perigo iminente da ascensão do fascismo no Brasil, a continuar um funcionamento excludente na gestão do campo de Saúde Coletiva e da Saúde Mental, ampliando as rachaduras internas e privilegiando interesses de pequenos grupos de poder, a névoa do horizonte pode se revelar como uma tempestade de consequências devastadoras. Está em jogo o SUS e a saúde mental de todo o povo brasileiro.